

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM



Temporada 2023



sem
fron-
teiras

30 e 31 MAR e 1 ABR



CONCERTO TAMBÉM
TRANSMITIDO AO
VIVO GRATUITAMENTE
EM [YOUTUBE.COM/
VIDEOSOSES](https://www.youtube.com/videososesp)



30 MAR QUI 20H30

31 MAR SEX 20H30*

1 ABR SÁB 16H30

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

SIR RICHARD ARMSTRONG REGENTE

SHEKU KANNEH-MASON VIOLONCELO

GUSTAV MAHLER [1860-1911]

Blumine [1888]

8 MIN

ERNEST BLOCH [1880-1959]

Schelomo – Rapsódia Hebraica [1916]

20 MIN

INTERVALO 20 MIN

FELIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY [1809-47]

Sinfonia nº 3 em Lá Menor, Op. 56 – Escocesa [1841-42]

1. ANDANTE CON MOTO. ALLEGRO POCO AGITATO (ATTACCA)

2. SCHERZO: VIVACE NON TROPPO (ATTACCA)

3. ADAGIO CANTABILE

4. ALLEGRO VIVACISSIMO. ALLEGRO MAESTOSO ASSAI

40 MIN

GUSTAV MAHLER

KALISTE, BOÊMIA (ATUAL REPÚBLICA TCHECA), 1860

— VIENA, ÁUSTRIA, 1911

Blumine [1884]

Orquestração: 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, trompete, tímpanos, harpa e cordas.

Estreia mundial: 20 de novembro de 1889, como parte da *Sinfonia nº 1*, com a Orquestra Filarmônica de Budapeste, na Hungria, sob regência do próprio Mahler.

Em 1884, Gustav Mahler escreveu a trilha incidental para as cenas de *O Trompetista de Säckingén*, um poema épico de Joseph Viktor von Scheffel [1826-86]. Essa música se perdeu, mas se descobriu que, no segundo movimento da versão original de sua *Sinfonia nº 1*, Mahler havia reaproveitado um desses quadros sonoros, em que o protagonista, o instrumentista do título, toca uma serenata para sua amada. Posteriormente excluído da *Sinfonia nº 1*, esse movimento passou muito tempo esquecido e foi redescoberto apenas em 1966. O título, *Blumine*, faz referência a uma coletânea de artigos publicada por Johann Paul Friedrich Richter [1763-1825], escritor a quem Mahler devotava grande admiração.

O tema principal é apresentado desde o início, sobre o *tremolo* das cordas: uma melodia de trompete, lírica e singela, que vem a ser partilhada pelos outros naipes da orquestra, especialmente as madeiras. Com acompanhamento delicado e cordas frequentemente em *pizzicato* ou em dinâmica *piano*, oferece também destaque para solos de violoncelo, violino e, principalmente, harpa. A música é suave, descritiva, amorosa e evoca facilmente uma cena pastoral aprazível e reconfortante. Nela, pode-se identificar os chilreios de pássaros, o farfalhar das folhas de árvores e todos os pequenos ruídos de uma manhã primaveril.

Laura Rónai

É doutora em música, responsável pela cadeira de flauta transversal na Unirio e professora no Programa de Pós-Graduação em Música da mesma universidade. É também diretora da Orquestra Barroca da Unirio.

ERNEST BLOCH

GENEVA, SUÍÇA, 1880 — PORTLAND, OREGON, EUA, 1959

Schelomo – Rapsódia Hebraica [1916]

Orquestração: piccolo, 2 flautas, 2 oboés, corne inglês, 2 clarinetes, clarone, 2 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão (bumbo, prato de choque, prato suspenso, tam-tam, pandeiro, caixa-clara), tímpanos, celesta, 2 harpas e cordas.

Estreia mundial: 3 de maio de 1917, com Hans Kindler como solista, acompanhado pela Orquestra do Carnegie Hall (NYC, EUA), regida por Artur Bodanzky.

Em seu livro *Como Ouvir e Entender Música*, cuja primeira edição é de 1957, Aaron Copland rotulou Bloch, seu colega de profissão, como um compositor moderno, mas bastante acessível. O que significaria essa afirmação de Copland nos dias de hoje, quando rótulos e ismos perderam substancialmente seu valor de mercado? Para mim, significa dizer que a música de Bloch não se encaixa em nenhuma escola específica e que, apesar de pouco ouvida nas salas de concerto, é uma das mais originais da primeira metade do século xx.

Bloch começou seus estudos em sua Genebra natal, aperfeiçoando-se posteriormente na Bélgica (com Eugène Ysaÿe), na França e na Alemanha. Morou na Itália e se tornou cidadão norte-americano em 1924, mas sua pátria sempre foi o judaísmo. Apesar de seu catálogo compreender cerca de 70 obras — incluindo sinfonias, concertos, ópera, música coral e música de câmara —, seu nome está intimamente ligado ao seu “Ciclo Judaico”, um grupo de peças escritas de 1911 a 1926.

Musicalmente falando, o ponto comum desse ciclo informal é a temática hebraica. Bloch atinge seu objetivo não pela apropriação literal de quaisquer melodias judaicas folclóricas, mas sim por expressar na música as reminiscências de suas raízes judaicas e do seu estudo do *Tanach*.¹ Fazem parte desse coeso conjunto os *Três Poemas Judaicos*, a *Suíte Hebraica*, o *Salmo xxxii*, a *Suíte Baal Shem*, *Três Retratos da Vida Hassídica*, a *Sinfonia Israel* e *Schelomo – Rapsódia Hebraica*, talvez sua obra mais conhecida.

¹ O *Tanach* é uma abreviação composta pelas iniciais das palavras hebraicas *Torá* [Ensinamento], *Neviim* [Profetas] e *Ketuvim* [Escritos].

As origens de Schelomo remontam ao início da Primeira Guerra Mundial, quando Bloch, tomado pelas angústias de tempos difíceis, dedicou-se à leitura do *Kohleth*, o terceiro livro de *Ketuvim*, que os cristãos conhecem como Eclesiastes. O projeto inicial contemplava transpor para voz e orquestra o famoso texto “Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade”, mas a falta de domínio do hebraico e a certeza de que um texto transliterado não iria ao encontro de suas expectativas fez com que Bloch engavetasse a ideia.

No final de 1915, o compositor conheceu em Genebra o violoncelista russo Alexander Barjansky e sua esposa, a escultora Catherine. A amizade foi imediata. “Impressionado pelo maravilhoso músico, decidi deixar a voz humana de lado, expandir os limites impostos pelo texto e empregar uma voz muito mais profunda, que falasse todas as línguas: o violoncelo”, escreveu Bloch nas notas de programa da Orquestra Augusteo, de Roma, quando a obra foi apresentada em 1933. Enquanto trabalhava na partitura, Bloch foi apresentado por Catherine com uma pequena estátua do rei Salomão e, apesar das atuais dúvidas históricas sobre a autoria do Eclesiastes, nomeou sua nova partitura de *Schelomo*.

Emprestado da poesia grega clássica, o termo rapsódia é empregado musicalmente para obras de formas livres e de caráter nacional ou épico. Para Bloch, o nacionalismo não era essencial na música, mas, sim, a consciência de seu povo. “Como judeu almejo compor música judaica por acreditar que esta é a única forma de criar música com vitalidade e significado”, anotou o compositor.

Bloch escreveu que “o violoncelo é a voz de Salomão, o rapsodo do Eclesiastes, proclamando a importância de todas as coisas, enquanto a orquestra representa o mundo ao redor do solista e de suas experiências

de vida. Espero que a orquestra reflita sobre a introspecção de Salomão, enquanto o violoncelo dá voz às suas palavras”. Apesar de rapsódica, é possível identificar ao longo de *Schelomo* três seções bastante distintas (lenta-rápida-lenta) e dois temas principais que permeiam toda a obra, cada qual sendo explorado pelo solista nas duas primeiras seções, e que refletem o embate entre o violoncelo (Salomão) e a orquestra (o mundo ao seu redor). Essas seções se encerram com lamentosas cadências solistas representando a angústia de Salomão diante da incompreensão humana perante os propósitos de Deus. A seção final retoma e desenvolve tais temas até que o solista termina em silêncio, resignadamente, diante da futilidade da vida. As melodias melismáticas, assemelhando-se às rezas na sinagoga, o tema do *shofar*² (no fagote), na segunda seção, e os intervalos de segunda maior e as quartas aumentadas dão à música seu caráter judaico.

O credo artístico é bastante claro nessa obra-prima para violoncelo e orquestra: “Fiz o melhor sem me prender a modismos ou caprichos. Nunca quis ser novo e, sim, verdadeiro, e de uma forma geral, humano e fiel às minhas próprias raízes”. *Schelomo* segue a máxima judaica de buscar Deus [D-us] e o amor como matéria-prima para uma vida plena. *Shalom*.

Marco Aurélio Scarpinella Bueno

É médico pneumologista. Doutor em medicina pela Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina. Como pesquisador musical publicou, entre outros livros, *Paul Hindemith: Música por Inteiro*.

² O toque do *shofar* (chifre de carneiro) é o ponto alto da liturgia do *Rosh Hashaná* (Ano Novo Judaico).

FELIX MENDELSSOHN BARTHOLDY

HAMBURGO, ALEMANHA, 1809 – LEIPZIG, ALEMANHA, 1847
Sinfonia nº 3 em Lá Menor, Op. 56
– Escocesa [1841-42]

Orquestração: 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes, tímpanos e cordas.

Estreia mundial: 3 de março de 1842, em Leipzig.

Em 1829, aos 20 anos, Felix Mendelssohn partiu para uma viagem de três anos pela Europa, começando pela Grã-Bretanha e passando pela Itália, Suíça e França. Durante os séculos XVIII e XIX, era costume que jovens abastados nessa faixa etária fizessem uma grande excursão para expandir seus horizontes culturais e, no caso dos artistas, munir-se de experiências inspiradoras. Como filho de banqueiro, o jovem Mendelssohn cumpriu a tradição — mas a escolha da Escócia, fora do circuito dos grandes centros culturais, foi certamente incomum. A opção talvez tenha se dado pela admiração dos Mendelssohn pelo escritor escocês Walter Scott [1771-1832], que o jovem compositor foi de fato encontrar, e pela possibilidade da companhia de um amigo próximo da família, então baseado em Londres.

Mendelssohn manteve um detalhado diário e trocou cartas durante todo o percurso. Em uma delas, descreve que, durante um pôr do sol em Edimburgo, ele e seu companheiro foram ao Palácio de Holyrood, “onde a Rainha Mary viveu e amou [...]”. A capela ao lado está agora sem teto; grama e ervas ali crescem, e naquele altar partido Mary foi coroada rainha da Escócia. Tudo em volta está em ruínas e abandono, e a luz do céu brilha no interior. Acredito que encontrei hoje, naquela velha capela, o início de minha *Sinfonia Escocesa*¹.

A *Sinfonia*, contudo, só seria finalizada 13 anos depois. Após a temporada na Escócia, Mendelssohn partiu para a Itália, onde encontrou dificuldades para embeber-se da atmosfera melancólica do norte que lhe servira de inspiração. Acabou terminando a obra em Berlim, em 1842, o que faz da *Sinfonia nº 3*, afinal, a última na cronologia das suas cinco obras do gênero.

Embora Mendelssohn tenha publicado a *Sinfonia* sem referências programáticas, é possível associar vários de seus elementos à história escocesa e à ambientação naquele país. A obra começa com uma introdução lenta e misteriosa, apenas com violas e sopros, possivelmente aludindo à experiência na capela. A sonoridade vai lentamente se iluminando, como se fôssemos levados, num devaneio, à época de Mary, rainha da Escócia. O segundo movimento sugere a sonoridade de canções folclóricas escocesas, embora não cite qualquer tema conhecido. O terceiro é um “Adagio”, frequentemente descrito como um lamento para Mary — a rainha ou, talvez, a santa. O último movimento tem caráter marcial e cresce para o triunfo marcado pelos metais com toda a orquestra. A *Sinfonia* termina com uma coda baseada em uma melodia que Mendelssohn utilizara em uma *Ave Maria* anterior — novamente associando a virgem à soberana e nos trazendo de volta à capela do início, agora à época de seu esplendor.

Sob a batuta do compositor, a *Sinfonia Escocesa* foi estreada em Leipzig, seis semanas após ser terminada, sendo pouco depois apresentada à então jovem rainha Vitória, a quem foi dedicada.

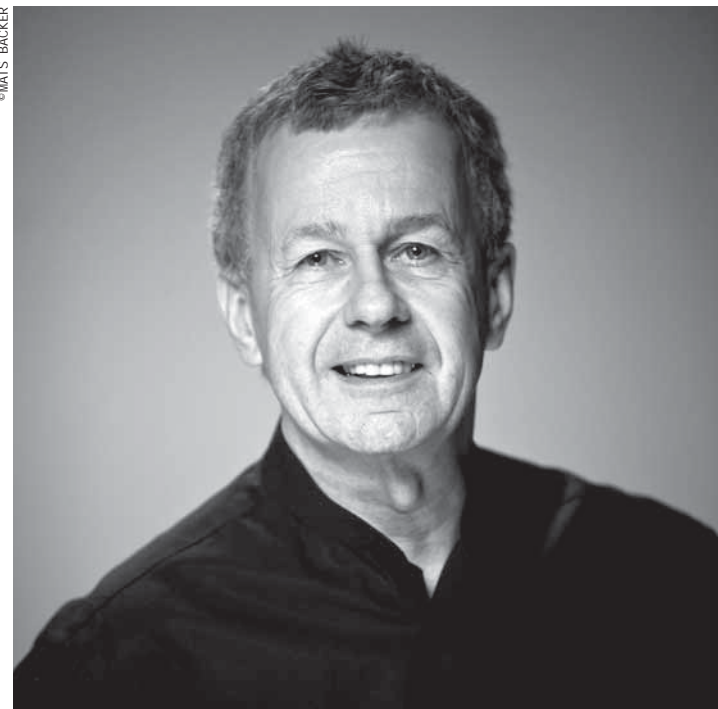
Júlia Tygel

Doutora em Musicologia pela USP e Gerente de Atividades Sociais da Uni gel.



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê na China. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky, recebeu o Grande Prêmio da Revista Concerto e o Prêmio da Música Brasileira. Em outubro de 2022, a Osesp — Orquestra e Coro — estreou no Carnegie Hall, em Nova York, realizando dois programas — o primeiro como convidada da série oficial de assinaturas da casa, o segundo com o elogiado projeto “Floresta Villa-Lobos”.



Sir Richard Armstrong REGENTE

Nascido em Leicester, no Reino Unido, em 1943, *Sir* Richard Armstrong foi diretor musical da Ópera Nacional do País de Gales entre 1973 e 1986 e diretor musical da Ópera Escocesa, entre 1993 e 2005. Ao longo da carreira, desenvolveu extenso trabalho com o repertório operístico, com atenção especial às obras de Giuseppe Verdi, Richard Wagner, Richard Strauss e Leos Janáček. Apresenta-se regularmente no Festival Internacional de Edimburgo e na Ópera Nacional Inglesa. Esteve à frente de orquestras como a Filarmonia de Londres, a Philharmonia (Londres), a Sinfônica da BBC, a Sinfônica Alemã de Berlim e a Sinfônica de Melbourne, sem falar na Osesp e na Orquestra do Festival de Campos do Jordão. Em 1997, foi nomeado regente do ano pela Royal Philharmonic Society e condecorado cavaleiro pela coroa britânica.



SHEKU KANNEH-MASON VIOLONCELO

Artista em Residência na Temporada 2022-23 da Philharmonia Orchestra, o violoncelista ganhou destaque internacional após sua performance no casamento do Duque e da Duquesa de Sussex no Castelo de Windsor. Sua agenda recente inclui concertos com a Orquestra da Filadélfia, as Sinfônicas de Boston e Toronto, Camerata Salzburg, Hallé Orchestra e sua estreia com a Osesp. Em 2016 foi vencedor da competição BBC Young Musician e, desde 2017, apresenta-se anualmente no BBC Proms. Formou-se pela Academia Real de Música de Londres, onde foi indicado como Professor Visitante em 2022. Foi nomeado Embaixador da Fundação de Pesquisa em Diabetes Juvenil (JDRF) e Membro da Ordem do Império Britânico desde 2020. Sheku apresenta-se com um violoncelo Matteo Goffriller datado de 1700 e é artista do selo Decca Classics.

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR

THIERRY FISCHER

VIOLINOS

EMMANUELE BALDINI SPALLA

DAVI GRATON

SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS

YURI Y RAKEVICH

SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS

ADRIAN PETRUTIU

SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS

LEV VEKSLER*

SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS | EMÉRITO

IGOR SARUDANSKY

CONCERTINO – PRIMEIROS VIOLINOS

MATTHEW THORPE

CONCERTINO – SEGUNDOS VIOLINOS

ALEXEY CHASHNIKOV

AMANDA MARTINS

ANDERSON FARNELLI

ANDREAS UHLEMANN

CAMILA YASUDA

CAROLINA KLIMANN

CÉSAR A. MIRANDA

CRISTIAN SANDU

DÉBORAH SANTOS

ELENA KLEMENTIEVA

ELINA SURIS

FLORIAN CRISTEA

GHEORGHE VOICU

INNA MELTSER

IRINA KODIN

KATIA SPASSOVA

LEANDRO DIAS

MARCIO KIM

PAULO PASCHOAL

RODOLFO LOTA

SORAYA LANDIM

SUNG-EUN CHO

SVETLANA TERESHKOVA

TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS

HORÁCIO SCHAEFER SOLISTA | EMÉRITO

MARIA ANGÉLICA CAMERON CONCERTINO

PETER PAS CONCERTINO

ANDRÉ RODRIGUES

ANDRÉS LEPAGE

DAVID MARQUES SILVA

ÉDERSON FERNANDES

GALINA RAKHIMOVA

OLGA VASSILEVICH

SARAH PIRES

SI MEON GRINBERG

VLADIMIR KLEMENTIEV

GIOVANNI MELO**

VIOLONCELOS

HELOISA MEIRELLES CONCERTINO

RODRIGO ANDRADE CONCERTINO

ADRIANA HOLTZ

BRÁULIO MARQUES LIMA

DOUGLAS KIER

JIN JOO DOH

MARIA LUÍSA CAMERON

MARIALBI TRISOLIO

REGINA VASCONCELLOS

CONTRABAIXOS

ANA VALÉRIA POLES SOLISTA

PEDRO GADELHA SOLISTA

MARCO DELESTRE CONCERTINO

MAX EBERT FILHO CONCERTINO

ALEXANDRE ROSA

ALMIR AMARANTE

CLÁUDIO TOREZAN

JEFFERSON COLLACICO

LUCAS AMORIM ESPOSITO

NEY VASCONCELOS

HARPAS

LIUBA KLEVTSOVA SOLISTA

FLAUTAS

CLAUDIA NASCIMENTO SOLISTA
 FABÍOLA ALVES PICCOLO
 JOSÉ ANANIAS
 SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS

ARCADIO MINCZUK SOLISTA
 JOEL GISINGER SOLISTA
 NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
 PETER APPS
 RICARDO BARBOSA

CLARINETES

OVANIR BUOSI SOLISTA
 SÉRGIO BURGANI SOLISTA
 NI VALDO ORSI CLARONE
 DANIEL ROSAS REQUINTA
 GIULIANO ROSAS

FAGOTES

ALEXANDRE SILVÉRIO SOLISTA
 JOSÉ ARIÓN LIÑÁREZ SOLISTA
 ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
 FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS

LUIZ GARCIA SOLISTA
 ANDRÉ GONÇALVES
 JOSÉ COSTA FILHO
 NIKOLAY GENOV
 LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
 EDUARDO MINCZUK

TROMPETES

FERNANDO DI SSENHA SOLISTA
 ANTONIO CARLOS LOPES JR. * SOLISTA
 MARCOS MOTTA UTILITY
 MARCELO MATOS

TROMBONES

DARCIO GIANELLI SOLISTA
 WAGNER POLISTCHUK SOLISTA
 ALEX TARTAGLIA
 FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAI XO

DARRIN COLEMAN MILLING SOLISTA

TUBA

FILIPPE QUEIRÓS SOLISTA

TÍMPANOS

ELIZABETH DEL GRANDE SOLISTA | EMÉRITA
 RICARDO BOLOGNA SOLISTA

PERCUSSÃO

RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
 ALFREDO LIMA
 ARMANDO YAMADA
 RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS

OLGA KOPYLOVA SOLISTA
 JORDAN ALEXANDRE**

CONVIDADOS DESTE PROGRAMA

FREDDY VARELA SPALLA
 FELIPE BUENO VIOLINO
 ANDREA CAMPOS VIOLINO
 GERSON NONATO VIOLINO
 BRUNO DE LUNA VIOLA
 CATHERINE CARIGNAN FAGOTE
 DANIEL FILHO TROMPA
 SOLEDAD YAYA HARPA

* CARGO INTERINO.

** ACADEMISTAS DA OSESP.

Os nomes estão relacionados em
 ordem alfabética, por categoria.
 Informações sujeitas a alterações.

Fundação Osesp**PRESIDENTE DE HONRA**

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PEDRO PULLEN PARENTE PRESIDENTE
 STEFANO BRIDELLI VICE-PRESIDENTE
 ANA CARLA ABRÃO COSTA
 CÉLIA KOCHEN PARNES
 CLAUDIA NASCIMENTO
 LUIZ LARA
 MARCELO KAYATH
 MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR
 MÔNICA WALDVOGEL
 NEY VASCONCELOS
 PAULO CEZAR ARAGÃO
 SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
 TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO

MARCELO LOPES

SUPERINTENDENTE GERAL

FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

+ www.fundação-osesp.art.br/equipe

**Governo do Estado
de São Paulo****GOVERNADOR**

TARCÍSIO DE FREITAS

VICE-GOVERNADOR

FELÍCIO RAMUTH

**SECRETARIA DA CULTURA E ECONOMIA
CRIATIVA DE SÃO PAULO****SECRETÁRIA DE ESTADO**

MARILIA MARTON

SECRETÁRIO EXECUTIVO

FREDERICO MASCARENHAS

CHEFE DE GABINETE

DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES

**COORDENADORA DA UNIDADE DE
MONITORAMENTO DOS CONTRATOS DE GESTÃO**

GI SELA COLAÇO GERALDI

**COORDENADOR DA UNIDADE DE DIFUSÃO
CULTURAL, BIBLIOTECAS E LEITURA**

CHRISTIANO LIMA BRAGA

PRÓXIMOS CONCERTOS DA OESP NA SALA SÃO PAULO

6, 7 E 8 ABR

OESP

S/R RICHARD ARMSTRONG REGENTE

KAREN CARGILL MEZZO SOPRANO

DAVID STOUT BARÍTONO

Obras de Smetana e Bartók

20, 21 E 22 ABR

OESP

KEVIN JOHN EDUSEI REGENTE

NING FENG VIOLINO

Obras de Beethoven, Ligeti e Janáček



AGENDA COMPLETA: WWW.OESP.ART.BR/PROGRAMACAO

INGRESSOS: WWW.OESP.ART.BR/INGRESSOS

ALGUMAS DICAS PARA APROVEITAR AINDA MAIS A MÚSICA

Falando de Música

Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

Entrada e saída da Sala de Concertos

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago. Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.

Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim; evite tossir em excesso. A experiência na sala de concertos é coletiva, e essa é uma das belezas dela.

Gravações

Antes da música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance. Sempre que quiser recordar da música, visite nossas redes sociais.

Comidas e bebidas

O consumo **não** é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.

SERVIÇOS

Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.

Cafeteria Lillas Pastia

Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.

Lojas Clássicos

Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção e infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.

Restaurante da Sala

Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos — mediante reserva pelo telefone (11) 3325-9958 ou pelo e-mail ssp@8arte.com.br.

ACESSO À SALA

Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.

Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.

Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.



CONFIRA HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO E OUTRAS INFORMAÇÕES EM:

WWW.SALASO PAULO.ART.BR/SERVICOS

osesp.art.br

@osesp_

/osesp

/videososesp

@osesp

@osesp

salasaopaulo.art.br

@salasaopaulo_

/salasaopaulo

/salasaopaulodigital

/@salasaopaulo

fundacao-osesp.art.br

/company/fundacao-osesp/



O violoncelista Sheku Kanneh-Mason © Jake Turney.

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

SP SÃO PAULO
GOVERNO
DO ESTADO
Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO